Ano IX — Lisboa, Fevereiro de 1953 — N.º 94

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NORMAS CRISTÃS DO BEM E DO MAL



A ciência deu-nos instrumentos de medição assombrosamente precisos. Há câmaras que podem tirar 8.000 fotografias por segundo. Um cristal de quartzo permite aos relógios medir o tempo com uma variação de um único segundo por ano. O olho eléctrico descobre e rejeita os produtos defeituosos de uma linha de montagem. Uma nova forma de raios X descobre os artigos de contrabando na roupa ou nas bagagens dos viajantes. Um detector magnético localiza jazigos de ferro ou de petróleo a centenas de metros de profundidade. Existe um dispositivo tão sensível que permite medir a flexão de um carril de caminho de ferro quando alguém o soprar.

Contudo, quando se trata dos valores morais, a questão é diferente. Na nossa complexa sociedade não é tão simples estabelecer pautas para medir o que é bom e o que é mau. A diferença entre o bem e o mal parece, a miúdo, confusa e imprecisa e nos nossos juízos éticos estamos entregues quase ao acaso. Existe uma inclinação para se fazer mofa das virtudes como antiquadas; o absoluto é coisa de um passado sem glória e que não deixou saudade. Haverá, porém, alguma coisa que nos possa ajudar no meio de tal situação? É possível distinguir o bem do mal? Há algumas provas — provas cristãs, talvês? Há-as; eis aqui algumas.

A prova da sinceridade

A Bíblia diz: «O que quiser trabalhar a sua vontade conhecerá». A dificuldade de quase todos nós é que não queremos conhecer. Enganamo-nos a nós próprios. Permitimos que qualquer tentador pretexto nos desvie do resultado honesto e verdadeiro implícito em alguma decisão. Vacilamos em questões morais, simplesmente porque tentamos justificar os nossos próprios desejos e ideias. A miúdo afirmamos ter dúvidas intelectuais a respeito de certas normas da moral cristã, quando a verdade é que estamos procurando fugir às claras obrigações que elas nos impõem.

O moderno sofista que pretende levar uma vida dúplice está condenado à desilusão. O raciocínio com que aquietamos as nossas consciências é académico ao mesmo tempo que fútil. O salário do pecado é a morte, ainda na era atómica... O indivíduo que estabelece as suas próprias normas pessoais de acção moral, está pisando terreno perigoso. E é perigoso porque conduz à perdição completa do sentido moral. Quando obrigamos os princípios morais a adaptarem-se às nossas próprias necessidades, perdemos ràpidamente a capacidade para fazer distinções morais. E isto assinala directamente o problema da nossa época.

Tendemos a tolerar o delito porque nós mesmos somos culpados do que poderíamos denominar «uma inocente criminalidade». O jogo legalizado — seja que jogo for — debilita a resistência ao jogo clandestino. O hábito social da bebida cega o homem até aos males do tráfico do álcool. As práticas escuras nos negócios levam a dissimular a corrupção e a fraude nas esferas do governo. As violações minúsculas da lei tendem a fazer-nos tolerantes perante as violações graves. Desculpamos práticas discutíveis do ponto de vista moral, o que faz com que a

(Continua na 2.ª página)

Dia do Pensamento

22 de Fevereiro, aniversário do nascimento de Baden-Powell e, por feliz coincidência, também de Lady Olave Baden-Powell, viúva do Fundador e Chefe Mundial das Guias, foi o dia mundialmente escolhido para que Guias e Escoteiros meditem nos ideais de fraternidade e pensem nos seus camaradas espalhados pelos cinco continentes.

Realizam-se nessa data cerimónias religiosas de acção de graças pelo testemunho daqueles que nos precederam nas fileiras do Movimento, e, através do Mundo, os Escoteiros afirmam a sua fé nos valores espirituais da vida e dão largas aos sentimentos de amizade. Não deixemos nós, Escoteiros de Portugal, de comparticipar nas comemorações desta significativa data e, recolhendo-nos em meditação, pensemos nos ideais expressos no nosso Compromisso de Honra, afirmando a nossa decisão de servir; servir a Deus, a Pátria e o Próximo.

Alonguemos o nosso pensamento até aos nossos irmãos espalhados na face da terra, oremos por aqueles que estão privados de usar o uniforme e sofrem perseguição, bem como pelos nossos camaradas ingleses, belgas e holandeses que, vítimas de recente temporal, se encontram sem lar e sem abrigo. Bem merecem estes nossos irmãos-escoteiros, os seus parentes e patrícios, a nossa simpatia e um lugar especial nas nossas orações no Dia do Pensamento.

Sobretudo, que o nosso exemplo de Amizade e Boa-Vontade possa servir de inspiração à mocidade que nos rodeia, para que haja mais Paz e Felicidade através de uma melhor compreensão entre os homens.

Serviço religioso de acção de graças

Os escoteiros Evangélicos de Lisboa promovem no dia 22 de Fevereiro, às 16 horas, no Templo da Igreja Presbiteriana da Ajuda, Calçada da Ajuda, 207, um serviço religioso de acção de graças pela obra do Escotismo e pelo testemunho de Baden-Powell e de todos os nossos irmãos-

(Conclui na 2.ª página)

NORMAS CRISTÃS DO BEM E DO MAL

(Continuação da 1.ª página)

nossa consciência perca toda a sensibilidade, o que nada nos importa porque o não sabemos.

Quando procedemos segundo a teoria do que o fim justifica os meios, transitamos pelo caminho que leva à degenerescência e à ruína. Quando infligimos as leis morais de Deus, não significa que sejamos mentalmente pouco rigorosos, mas sim que somos insensatos. É uma traiçoeira norma de moral a do que justifica as suas contravenções dizendo que «toda a gente as faz».

Nas sendas comuns da vida necessitamos de um renovado sentido da honra e da integridade daquele que está do lado do bem, ainda que seja à custa das nossas ambições ou popularidade. No nosso amor pela liberdade, não confundamos liberdade com licenciosidade.

Precisamos na vida pública e privada de homens e mulheres capazes de perfurar a névoa moral, dizendo com Abraão Lincoln: «Podeis pendurar o meu corpo da árvore mais alta, podeis reduzi-lo a cinzas... porém nunca conseguireis que apoie uma medida que sei que é má». Quando possuirmos esta determinação de conhecer o bem, hemos de descobri-lo. E quando tivermos, na vida pública, dirigentes que se guiem por essa espécie de código, encontraremos a resolução de muitas das nossas dificuldades.

A prova da influência

Em outras palavras, devemos perguntar ante qualquer procedimento duvidoso: «É benéfico ou prejudicial para a personalidade humana?».

No pensamento de Jesus, a personalidade humana é o que de mais alto valor existe no mundo. Isto faz com que o valor moral esteja em parte determinado pela forma em que um dado programa ou uma dada acção afectam a vida humana. Se ofende, degrada, cria obstáculos, diminui, menospreza a personalidade humana, pertence ao lado do mal. Se edifica, fortalece, exalta, liberta, magnifica, enriquece a personalidade, é da família do bem.

Porém, porque não posso fazer o que me apraz? Esta é uma pergunta comum do homem moderno, que se jacteia de uma liberdade que não existe. Ele que se desculpa dos seus pecados dizendo que tem liberdade para fazer aquilo que lhe apetece, é, na realidade, um escravo das suas próprias paixões e desejos. Não temos liberdade de fazer o que nos apraz. Temos obrigações e responsabilidades para connosco próprios, para com nossos associados, para com nossa família, para com nossos empregados, para com a sociedade e para com Deus. Quando não as tomamos em conta, vacilamos e caímos. O ocuparmo-nos sòmente de nós próprios é fatal para a nossa felicidade e para o bem-estar dos outros.

Há alguma coisa eternamente boa nas decisões em que os homens colocam os seus próprios desejos pessoais em segundo plano em relação ao bem do semelhante. E há alguma coisa eternamente má na pessoa que machuca e importuna ao fazer o que lhe apetece, sem ter em conta os resultados.

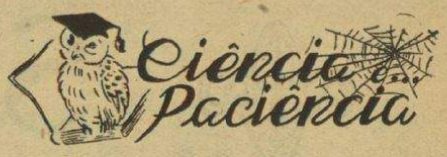
Aqui está a base de toda a sociedade livre e decente. Sem este sentido de responsabilidade pessoal não pode haver base para o governo próprio. O menosprezo da personalidade como base da moralidade tem resultados finais cuja contemplação é terrível. Jan Voltin registou-os na sua descrição das sociedades totalitárias da Europa. Esta história «revela um mundo subterrâneo oculto e secreto tão fantástico, tão horrendo... que é quase incrível... É mundo sem coração, sem consciência, sem vergonha, sem piedade, sem um único rasgo redentor... um mundo de criaturas ferozes, cruéis, dotadas de mentalidades astutas e metódicas que se matam umas às outras para construir um paraíso ou a sua nova ordem; um mundo no qual a razão se tornou louca, no qual o impessoal esmaga a personalidade... em que tudo é contrafeito e patológico».

É este o resultado quando o homem opta por fazer aquilo que lhe agrada. Isto começa com as nossas decisões privadas. Um mundo subterrâneo desta índole oculta-se nos nossos países. Um mundo moldado pelo suborno e pela fraude e pela indiferença do homem comum.

A prova da experiência humana

Muitas acções são condenáveis, não por qualquer teoria moral, mas porque são insensatas à luz da história. Quando um programa se opõe a todas as lições da experiência humana e, por conseguinte, segundo todos os indícios razoáveis, há-de produzir infortúnio e fracasso,

(Conclui na 3.ª página)



PROBLEMA N.º 19

Com os grupos de letras abaixo publicadas forme palavras de quatro letras com os seguintes significados:

Acrescentar	Preia-mar	Ensejo
Pacote	Que coisa	Relação
Extraordinário	Cidade	Enchente
Esclerótico	Culpa	Base
Cautela!	Aloura	Covil
Esta coisa	Cheiro	Forte
Leito	Ecoar	Deserto
Dólmen	Sovina	Suco

AD—AL—AL—AN—AN—AR—BE—CA—CA—CA—CA—ER—ER—ES—ES—FO—IR—IS—JO—LO—MA—MA—MO—MO—NE—OD—OR—PA—PA—PÉ—QU—RA—RO—RO—RI—SA—SO—SO—SU—TA—TA—TE—TO—TO—TO—TO—UR—VA—VE—ZE

Com as primeiras letras de cada palavra encontrada forme um conhecido provérbio português.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17

Eram 632 escoteiros

Todas as respostas com soluções certas que nos sejam remetidas dentro de 30 dias, marcarão um ponto. Logo que tenha atingido 20 pontos receberá um prémio (um livro).

O 8.º aniversário do "SEMPRE PRONTO"

Chá de Confraternização

Para comemorar o 8.º aniversário da fundação do nosso jornal, realizou-se no passado dia 19 de Janeiro, na Redacção, um chá íntimo dedicado aos nossos colaboradores mais directos. Presidiu o Rev. Dr. G. Azevedo Meyer e estiveram presentes os nossos companheiros de trabalho Eduardo Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo, Joel Ribeiro, Faustino Leitão, João Carlos Saraiva Mamede e Manuel Tacão Monteiro. O chá foi servido pelas esposas dos nossos Director e Administrador.

O nosso director aproveitou o ensejo para agradecer a todos os presentes a colaboração dispensada, pondo em merecido relevo o espírito de camaradagem e amizade que une todos os que trabalham no jornal, lembrando a cooperação preciosa que nos é prestada por todos aqueles que em diferentes pontos do país e até do estrangeiro se esforçam pela difusão do "Sempre Pronto", particularmente os nossos agentes-correspondentes. Agradeceu também a presença do Rev. Dr. Azevedo Meyer e o apoio dado ao jornal.

DIA DO PENSAMENTO

(Conclusão da 1.ª página)

-escoteiros que se encontram já com o Senhor.

O acto será dirigido pelo Antigo Escoteiro Rev. G. Azevedo Meyer e o sermão proferido pelo Antigo Escoteiro e Vice-Presidente da Fraternal, Rev. Eduardo Moreira. Assistem os Grupos 10, 53, e 94, e ainda os grupos em organização, n.º 12; da Igreja da Rua Febo Moniz, de Almada e o Grupo de Guias da Igreja da Rua de S. Bento.

Estão convidados Antigos Escoteiros e amigos da obra escotista.

NORMAS CRISTÃS DO BEM E DO MAL

(*Conclusão da 2.ª página*)

seguramente é mau. A vida afastada do bem e sem Deus não só é má como é feia e amarga. É certo que alguns costumes e normas morais variam com o tempo e não são as mesmas em distintas sociedades. Mas as qualidades essenciais da bondade e da decência são permanentes. Sobrevivem às nossas hábeis artimanhas transitórias.

Os modernos analfabetos morais podem burlar os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha e menosprezá-los como antiquados. Contudo, jamais se estabeleceram normas para a conduta humana mais elevadas ou verdadeiras. Há algo eternamente recto nas verdades de Deus que durante séculos suportaram os ataques combinados dos maus. Somos sábios se nos pomos do seu lado. Derrotamo-nos a nós próprios quando tratamos de nos esquivar a elas. Há nas leis morais de Deus uma lógica simples: «O que o homem semear, isso também colherá». Quando optamos por semear sensualidade, segamos brutalidade. Quando semeamos integridade, ceifamos respeito. Esta é a lição da história.

A prova da luz

O mal e a injustiça amam a obscuridade, as portas fechadas, o segredo, os murmúrios, os pactos secretos. Subornos, privilégios especiais, acordos secretos, extorsões ocultas, todas estas coisas se condenam pela sua própria natureza. Ninguém que tenha clara consciência e honradez de propósitos tem temor à investigação ou à publicidade plena. Se o êxito de uma acção depende do engano ou da tortuosidade do procedimento, é discutível.

Na realidade, as coisas que tratamos de ocultar são as que frequentemente nos provocam dificuldades. Um engano chama outro. Uma indiscrição oculta traz consigo uma cadeia de consequências inesperadas. Feliz aquela pessoa cuja vida é um livro aberto. O mesmo princípio assume trágicas proporções nos assuntos maiores da vida. Num discurso, ao deixar o cargo de presidente da Associação Americana para o Progresso da Ciência, o Dr. Anton J. Carlson declarou que os males políticos do mundo se devem à «mentira artística» e à «fraude, engano e duplicidade» que constituem a base de tantos equívocos internacionais. Isto é certo em todas as relações. O tributo secreto, o preço secreto, a propriedade secreta, a manipulação secreta, o entendimento secreto, a traição secreta, o furto secreto — todos procedimentos maus que provocam dificuldades. O cristão repudia todas as manipulações subterrâneas semelhantes. Aborrece as trevas.

A prova das normas divinas

Conta-se que um solitário camponês do estado de Idaho, que vivia numa cabana das montanhas, não tinha como afinar o seu violão. Escreveu então à National Broadcasting Company pedindo que transmitissem a determinada hora do dia a nota lá, para que ele pudesse afinar o seu violão. Imediatamente o seu pedido foi atendido.

Esta é uma parábola da vida. Nós, os Homens, somos todos solitários e estamos fora de contacto com a realidade até que encontramos a Deus. Não podemos afinar por nenhum tom verdadeiro enquanto não o fazemos com o Espírito Divino. Necessitamos de uma norma e guia fora de nós próprios, senão estamos perdidos. Intentar estabelecer as nossas próprias normas morais é desastroso. O sentido moral não tem origem nos costumes de uma época. Existe porque no centro do Universo está Deus, que criou o Homem como um ser espiritual.

A causa fundamental das nossas imoralidades é a impiedade. Quando o homem esquece a Deus, não tem interesse pelo que lhe pode suceder. A vida é de pouco valor. A decência e honra perdem o seu significado. A lei da selva toma o lugar do sentido moral.

Quando se apodera dos homens o espírito de «aproveita-te que não terás outra ocasião», eles tornam-se viciosos e sem escrúpulos. As virtudes básicas da honestidade, da sobriedade, a pureza, a bondade, a verdade, o respeito pelos demais, todas estas virtudes estão na base de toda a sociedade ordenada. Têm a sua origem na ética da fé religiosa e nela se apoiam.

Disse William Penn: «Se o homem não está governado por Deus, será governado pelos tiranos». George Washington disse o mesmo de outra maneira: « Tenhamos cuidado com a sugestão de que é possível manter a moral sem a religião».

A religião cristã é o único antídoto seguro para a frouxidão moral dos homens e das nações.

CARLOS M. CROWE
(De *The Christian Advocate*)

BODAS DE PRATA

do Escotismo Catalão

Em virtude do Escotismo em Espanha se encontrar transitòriamente suspenso, situação que estamos certos acabará por ser regularizada, existem ali algumas correntes escotistas em parte relacionadas com as características regionais de cada zona do país. Nós temos o prazer de estabelecer laços de amizade e conhecermos mesmo pessoalmente os Dirigentes dos diferentes sectores, que lutam dedicadamente pelo ressurgimento do Escotismo, entre os quais contamos bons Amigos. Podemos por isso afirmar que são todos bons Escoteiros, animados dos melhores propósitos e conhecedores do Movimento e dos seus métodos. Acontece, porém, que colocados em diferentes posições vêem os problemas por prismas diversos, apesar do desejo comum de cooperar.

Assim, o artigo publicado no número 92 do «Sempre Pronto», acerca das «Bodas de Prata do Escotismo Catalão», mereceu alguns reparos da Comissão Nacional de Reorganização do Escotismo Espanhol, com sede em Madrid, que, em atencioso ofício, de 5 de Janeiro, nos diz que aquela informação por nós publicada tem causado confusão nos meios escotistas fora de Espanha e declara «que o Escotismo espanhol e, portanto, o Catalão, pois que a Catalunha foi uma das Regiões que se integrou imediatamente no então nascente Escotismo espanhol, comemorou o seu 40.º aniversário no dia 10 de Julho de 1952. Esta data — diz a Comissão — foi comemorada pelos Escoteiros espanhóis na intimidade dos seus velhos Clãs, no silêncio que as circunstâncias impõem, com o coração repleto de projectos para o futuro.

«O Escotismo catalão, que assina o artigo citado, só teve vida oficial na região durante a guerra civil espanhola, e nunca foi membro do Escotismo Mundial. Não obstante isso, há nas suas fileiras membros magníficos e entusiastas cujo espírito actual é admirável».

Feito o esclarecimento que nos foi solicitado, afirmamos a nossa muita admiração por esse mesmo magnífico espírito escoteiro e devotada dedicação que temos tido oportunidade de apreciar em todos os sectores do Escotismo em Espanha, virtudes que garantem um futuro grandioso ao Escotismo no país vizinho.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A organização do Clã

Por ocasião da Conferência de Dirigentes, ao discutir-se a constituição das equipas de Caminheiros, pôde verificar-se que entre nós se não compreende ainda a orgânica desta Divisão associativa e se não está, portanto, preparado para desenvolver qualquer trabalho sério neste campo. Por isso a Conferência aprovou a constituição de patrulhas de caminheiros de 4 elementos e foram ouvidas com cepticismo, e até com ironia, o que acerca desta Divisão foi dito de novo. Este ambiente justifica a ausência da mais alta Divisão Escotista na nossa Associação e o insucesso que tem coroado todas as iniciativas para a organizar.

Entretanto, a secção «Escotismo» das «Novidades» publicou um artigo do nosso dedicado amigo e colaborador Enrique Genovés que foca exactamente os pontos discutidos na Conferência de Dirigentes, pelo que não resistimos ao desejo de o oferecer aos nossos leitores, com a devida vénia àquela secção de «Escotismo». Certamente este trabalho merecerá a ponderação de todos os Dirigentes.

Quando se constitui um novo clã com elementos procedentes da 2.ª Secção, é fácil e vulgar cair-se no erro de organizar esse Clã à maneira das Patrulhas de Escoteiros, nas quais viveram e trabalharam durante alguns anos aqueles que vão agora ser Caminheiros.

Contudo, entre a organização dos Escoteiros e a dos Caminheiros há uma grande diferença, tão grande como a que há entre o objectivo da Patrulha e a finalidade do Clã.

Tenha-se presente a todo o momento que o Clã é um pequeno núcleo de homens novos, irmanados no ideal escotista, já formados física e moralmente, que individualmente dão os últimos retoques no seu próprio carácter e escolhem o seu próprio caminho e colectivamente se encontram dispostos a prestar serviços à comunidade em que vivem, de modo eficaz e desprendido.

A Patrulha, orgânicamente, é fundamental, básica e constitui o crisol em que se fundem todos os desejos dos rapazes e do qual emana toda a força educativa que o Escotismo lhes proporciona. O caminho da Patrulha é único, igual para todos os seus componentes, seja qual for a função que dentro dela se atribua a cada Escoteiro.

Pelo contrário, o Clã é, se se me permite a definição, orgânicamente secundário. O Clã é apenas um ponto de apoio, um refúgio para o Caminheiro, mas não é realmente dali que emana a força do Caminheirismo. A rota do Caminheiro é individual, solitária no que se refere à sua educação, visto que ele deve «encontrar-se a si próprio», encontro espiritual que o Clã ou algum dos seus componentes pode facilitar-lhe, mas nunca conseguir-lhe totalmente. A linha de acção do Clã é múltipla, os serviços inúmeros, e cada Caminheiro deve trabalhar no que melhor corresponda aos seus desejos ou aptidões, de modo que seja o mais útil possível aos seus semelhantes.

* * *

O número de componentes de um Clã é determinado pela quantidade de Caminheiros que existam no Grupo, portanto variável. Assim, a organização do Clã varia igualmente, segundo o número de Caminheiros que o componham, embora se submeta na sua estrutura geral, ao esquema seguinte:

Um Chefe de Clã, que será o melhor e o mais experimentado de todos os Caminheiros do Grupo;

Um Chefe Adjunto, que auxilia o Chefe nas suas funções;

Secretário, Tesoureiro, Bibliotecário, etc., segundo o exija a boa marcha do Clã;

Equipas de Serviço; cada uma com o seu Chefe de Equipa. Se não há número de elementos bastante para formar várias Equipas, todo o Clã forma uma única Equipa, cujo Chefe natural é o Chefe de Clã.

Já falámos suficientemente, em outras ocasiões da missão do Chefe de Clã, conquanto venhamos mais tarde a insistir na sua importância. As funções dos demais cargos administrativos são por demais conhecidas para que necessitem qualquer esclarecimento.

Resta-nos, pois, falar das Equipas. Uma Equipa é um pequeno grupo de Caminheiros unidos por um mesmo objectivo ou interesse. O número de elementos que compõem uma Equipa é variável. As Equipas podem ser de carácter permanente ou constituir-se apenas para um serviço ou circunstância determinada e concreta. Assim, pode haver uma Equipa permanente de Caminheiros interessados no estudo de problemas sociais, outra Equipa para cooperar intensamente com a Igreja no seu trabalho de Apostolado, outra de Monitores de Educação Física ou treinadores e árbitros de jogos para satisfazer as necessidades do Grupo de Escoteiros, colégios de crianças pobres, etc., ou ainda uma Equipa de Serviços Auxiliares dos Bombeiros e muitas outras, cada uma com a sua missão bem definida, mas todas interessadas em prestar serviço real, duma maneira efectiva e eficaz.

E podem constituir-se Equipas eventuais para determinado serviço ocasional, como seja a construção de brinquedos para distribuir pelas crianças pobres no dia de Natal, a preparação de um grande acampamento do Grupo ou da Região, etc.. Estas Equipas eventuais dissolvem-se logo que a sua missão esteja cumprida.

Não há inconveniente em que um Caminheiro pertença a mais de uma Equipa dentro do mesmo Clã, sempre que tenha possibilidade de bem cumprir todos os seus deveres: do mesmo modo, não é incompatível o desempenho do cargo de Secretário, por exemplo, com o serviço efectivo em qualquer das Equipas.

A estrutura orgânica do Clã é muito flexível, porque a única coisa verdadeiramente importante é que os Caminheiros que a ele pertençam, considerados como núcleo, prestem SERVIÇO.

ENRIQUE GENOVÉS

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Em 25 de Janeiro passado efectuou-se o enlace matrimonial do caminheiro do Grupo 53, o nosso amigo Sr. José Maria Dias Antunes, com a Sr.ª D. Olga de Oliveira Pereira, acto que se realizou na Igreja de Santos-o-Velho. O «Sempre Pronto» formula votos de muitas felicidades aos noivos.

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO Nº 84

Este grupo dos Escoteiros de Portugal colaborou activamente no primeiro cortejo de oferendas que se efectuou no Entroncamento, em 18 de Janeiro findo, a favor do Centro de Assistência Social, no qual tomaram parte 27 carros e duas bandas de música, uma delas a apreciada banda do Grupo 84. — *C*

Cartas à Redação do «SEMPRE PRONTO»

O «Sempre Pronto» é um jornal que, ao serviço do Escotismo ou da Educação em geral, gostosamente dá publicidade a sugestões, pareceres ou ideias que lhe forem transmitidas pelos seus leitores, desde que sejam feitas com correcção e certo critério. Porém, é indispensável que os seus autores subscrevam as cartas e se identifiquem. Cartas anónimas, ainda que em termos de simpatia, não têm sequer lugar no arquivo.

O Acto da posse do Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal

Está marcado para 5.ª feira, dia 19 do corrente, às 21,30 horas, na sede dos Escoteiros de Portugal, o acto da posse da presidência dos Escoteiros de Portugal pelo Sr. Comandante Henrique Tenreiro.

Para o acto estão convidados todos os Dirigentes e Antigos-Escoteiros.

O "94,,-UM GRUPO DE TRADIÇÕES

Há 8 anos, quando o Grupo n.º 94 metia ombros à tarefa de editar um jornal, não esperava, em despeito dos sonhos que todos acalentavam, que o «Sempre Pronto» conseguisse vingar e, em vez da vida efémera das outras publicações escotistas, chegasse a resultados nunca sequer esboçados até hoje na nossa Associação. Pode dizer-se que a vitória do «Sempre Pronto» é também uma vitória do Grupo n.º 94, pois se hoje este jornal conta com a cooperação de muitos amigos e escoteiros de todos os grupos do País, a princípio foi no Grupo n.º 94 e nos seus escoteiros que ele encontrou o apoio e impulso que o levou a tão largos voos.

Hoje o «Sempre Pronto» publicou o 94.º número. Nada de maior justiça do que em algumas colunas do número 94 prestar uma pequena homenagem ao Grupo que tem esse mesmo número, o grupo a que deve a vida. Por este motivo queremos registar alguns dos factos mais salientes da vida deste agrupamento escotista que tão dignamente tem prestigiado o Movimento Escotista Português.

A Fundação

O «94» nasceu no ambiente cristão e activo da Igreja Evangélica Ajudense. Foi seu primeiro chefe o Sr. Henrique Alves de Azevedo, que presidiu a um Conselho Técnico constituído pelos seguintes escoteiros: Eduardo Ribeiro, Pedro Costa, Eduardo Alves, Francisco Seita e Albano Duarte Costa. Formavam ainda o grupo mais os seguintes escoteiros: Joel Ribeiro, Jorge Afonso, Sérgio Mendes Gomes, João Jacob, Paulo Enes de Almeida, Armando Ereio Pimentel, João Enes de Almeida, Francisco Ferrão e Mário Alves.

Organizaram-se imediatamente duas patrulhas; uma júnior e outra sénior: a patrulha «Cão» e a patrulha «Martinho Lutero». Foi guia da primeira, o escoteiro Albano Duarte Costa e a segunda só teve guia em Setembro.

O grupo devia ter sido fundado em 24 de Junho de 1934. Porém, neste mesmo dia, realizou-se uma grande concentração de escoteiros em Sintra para solenemente inaugurar o grupo n.º 93 daquela vila. O 94 foi autorizado a comparecer a esta grande actividade, apresentando os seus escoteiros com uniforme.

Em 8 de Julho desse mesmo ano, efectuou-se uma sessão solene na Igreja Evangélica Ajudense para inauguração do Grupo. Presidiu o Rev Joaquim Rosa Baptista secretariado pelo delegado da Comissão Executiva da A. E. P., Sr. Antero Nobre; pelo representante do «Diário de Lisboa», pelo Sr. Renato Ferrão, chefe do Grupo 61; pelo Sr. David Baudouin, chefe do grupo 53 e por um representante do Grupo 1. A sala acusou uma grande enchente e a assistência interessou-se vivamente pelo escotismo. Os novos escoteiros prestaram compromisso de honra e foi empossado o novo chefe, bem como a direcção do grupo, composta pelo já citado Pastor da Igreja e pelos Srs. Caetano Peixoto e António Pinheiro.

Uma comissão composta pelas Sras. D. Maria Rosa Jacob, Menina Júlia Pena e D. Amélia Enes de Almeida, ofereceu uma linda bandeira de seda bordada a ouro que a primeira senhora primorosamente executou.



Alguns antigos e actuais Escoteiros do Grupo 94.



Antigos Escoteiros acompanhados de quatro seus contemporâneos ainda nas fileiras do 94.

Os primeiros passos

O entusiasmo do novo grupo depressa feneceu. Começaram a surgir as primeiras dificuldades. Em Agosto, deixou o grupo o escoteiro Eduardo Ribeiro. Em Setembro, alguns escoteiros do grupo tomaram parte no Acampamento Nacional que se realizou no Porto, por ocasião da Exposição Colonial. Nesse mesmo acampamento a vida do grupo se complicou, tendo-se demitido o já então subchefe Pedro Luís Costa, um velho camarada que o Senhor já chamou para junto de si.

Em Agosto de 1935, foi convidado para assumir a chefia do Grupo o Sr. David Baudouin, passando a chefe-ajudante o anterior chefe. A vida do grupo melhorou então um pouco e em 2 e 3 de Maio de 1936 o 94 colaborou activamente num acampamento que o Núcleo de Lisboa efectuou na Tapada das Necessidades e que constituiu uma grande manifestação escotista.

Em 8 de Julho de 1936 o 94 comemorou o seu 2.º aniversário com uma festa, durante a qual prestaram compromisso de honra 5 novos escoteiros. A patrulha sénior foi reorganizada e tomou o nome «Plácido de Abreu». A vida do grupo voltou a complicar-se, tendo-se demitido o subchefe Sr. Henrique de Azevedo.

O 94 trabalha com dificuldade. O seu chefe, residindo longe da sede, não lhe podia dar a assistência indispensável. Foi por isso necessário estudar a situação do grupo e o chefe Baudouin cedeu o seu lugar ao escoteiro-sénior Eduardo Ribeiro, que em 1 de Setembro de 1937, assumiu a chefia, transferido do Grupo n.º 2.

A reorganização do Grupo

Em 5 de Setembro de 1937, iniciou-se um trabalho de reorganização do grupo, sendo dissolvida a patrulha sénior, reorganizada a patrulha «Cão» e organizada uma nova patrulha júnior: a «Águia». Estas duas patrulhas têm constituído a base do grupo 94 e nunca mais deixaram de existir.

Por ocasião do Natal de 1937, o 94 realizou a sua primeira grande «Boa-Acção», oferecendo um bom almoço a 120 crianças pobres.

Até 8 de Julho de 1938, data do 4.º aniversário, o grupo desenvolveu farta actividade, comparecendo em todas as actividades e merecendo constantes e elogiosas referências dos órgãos superiores do Movimento e até louvores em ordens de serviço.

A'patrulha «Águia», especialmente, notabilizou-se comparecendo sempre completa nas actividades que durante 1938 se realizaram, o que só foi interrompido porque um dos seus rapazes, o Estanislau, adoeceu.

Surgiu, entretanto, o acampamento de Benfica. O 94 compareceu na máxima força e foi uma das unidades mais activas e mais numerosas presentesnaquele grande acampamento. Organizou-se, por essa altura o primeiro bando de Lobitos, do qual fizeram parte Fernando Caetano da Silva, um simpático miúdo que se dedicou entusiàsticamente ao escotismo e que um brutal acidente em Cabo Verde, onde seu pai prestava serviço militar, roubou à nossa companhia. Júlio Maria Reis, que ainda hoje é dos principais elementos do Grupo, e José Maria Afonso, afastado do Movimento mas ainda um amigo e colaborador dedicado do 94. Estes três lobitos estiveram também no acampamento de Benfica e mereceram da respectiva chefe de campo — a Teresinha, recordam-se? — a referência agradável: «*Foram os três melhores lobitos em campo*».

O 94 a «todo o pano»

1938. — Aproximava-se novamente o Natal. O 94 cheio de entusiasmo estava disposto a promover uma grande Boa-Acção. Outro opíparo jantar oferecido a 200 crianças das mais pobres das freguesias da Ajuda e Belém. Todos os escoteiros se lançaram ao trabalho. O comércio colaborou activamente na iniciativa, indicando

(*Continua na 6.ª página*)

O «94» — UM GRUPO DE TRADIÇÕES

(*Continuação da 5.ª página*)

crianças pobres e oferecendo donativos. Distinguiram-se nesta actividade os escoteiros Capitolino Macedo, Estanislau Pires, Jorge Vicente, Eduardo Rolão, José Maria Afonso, Armando Lopes Pires e Joel Ribeiro, que foi mesmo considerado o herói da B. A.

Lembramos, com saudade, os escoteiros Rogério Aço e Francisco Rui Martins Fernandes, dois entusiastas desta iniciativa, que já se encontram no «eterno acampamento».

A «Cooperativa Aliança Operária» cedeu um grande salão; o Regimento de Cavalaria 7 dois grandes caldeirões de campanha e louça. Colaboraram o Sr. Capitão António Mendes, as Sras. D. Beatriz Gancha, D. Maria Pinheiro, D. Maria Teodora Pereira, e D. Júlia Pena Ribeiro.

O jantar foi servido no 1.º dia de 1939. Mais de 200 crianças se banquetearam, sendo-lhes servida uma óptima refeição (galinha, laranjas, uvas, nozes, laranjadas, guloseimas) e ainda uma linda festa de Natal a findar.

Assistiu ao jantar o presidente da Associação Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto que, entusiasmado, registou no Livro d'Ouro do Grupo: «Um dos grandes prazeres do Homem é o prazer de *bem servir*. Os escoteiros do grupo 94, *bem servem*! Por isso os felicito e os cumprimento do coração».

A actividade do grupo não afrouxava e distribuía-se por diversos sectores: acampamentos, excursões, bivaques, exercícios, jogos e em 20 de Junho de 1939 ainda realizou um festa de arte com um primoroso programa.

Um bom acampamento

De 19 a 29 de Agosto de 1939, o 94 realizou um acampamento de férias na mata da Trafaria. Óptima actividade: fogos de conselho, festas de campo, cuidada cozinha. O Boaventura, logo ao levantar-se, gritava aos seus adjuntos dos serviços sanitários: *Toca a apanhar papéis!* A rapaziada ainda hoje recorda o acontecimento com saudade. Pesados à ida e à volta, todos aumentaram de peso... à excepção do chefe.

Uma sede!

O 94 asfixiava numa pequena dependência que lhe era cedida. Precisava de uma sede. Um dia surgiu a oportunidade. Na Travessa Vitorino de Freitas havia uma casa que servia às maravilhas. Mas as finanças do grupo não chegavam para a renda. A rapaziada lançou-se a angariar novos sócios e a casa foi alugada. Durante semanas sucessivas os escoteiros trabalharam afanosamente no fabrico do mobiliário e na ornamentação da sede. Distinguiram-se o Rolão, o Capitolino, o Jaime, o Jorge, o Júlio e o Armando. O mauzinho do chefe geral, que não gostava do 94, proclamava aos quatro ventos: «*O 94 está inactivo, vou acabar com ele*».

No dia 14 de Julho de 1940, porém, a sede era inaugurada e o grupo provava que continuava a trabalhar.

E o 94 continua

Em Setembro desse ano, realizou-se o Acampamento Nacional dos Centenários, na Quinta do Hospital Colonial, na Rua da Junqueira, e que a rapaziada ficou conhecendo por Quinta do Calhau. O «94» lá esteve presente com bom efectivo.

Em 8 de Janeiro de 1941, falecia Baden-Powell e o Grupo observa luto, recordando o Chefe e Fundador do Movimento. Em sua memória realizou-se na Igreja Lusitana de S. Paulo um serviço religioso promovido pelos grupos 53 e 94. Assistiram autoridades oficiais, corpo diplomático e dirigentes escotistas.



Júlio Maria Reis – Lobito em 1937. Caminheiro em 1953. 15 anos de serviço no «94».

A actividade do grupo era intensa, mas a renda da sede era um encargo difícil naquele tempo. A rapaziada não conhecia dificuldades. Era preciso dinheiro e todos os meses se efectuavam festas na sede, cujo programa atraía público certo e chegava a ser repetido. Assim ganharam a insígnia de «Cómico» o José de Carvalho, o Capitolino e o Rolão.

Entretanto, a guerra enchia o mundo de dores e preocupações. Era necessário preparar a defesa passiva. O 94 esteve presente e os seus escoteiros não só colaboraram nos serviços Regionais, mas instruíram-se e prepararam-se intensamente.

Em Fevereiro de 1941 organizou o Grupo a "Feira de Amostras da Ajuda" para auxílio do seu cofre. Durante oito dias esteve exposto um interessante mostruário de diversos artigos, que foram vendidos no fim. Durante essa semana fizeram-se três conferências: «Em caso de ataque aéreo», por Jorge Pereira Jardim; «A Obra Educativa de Baden-Powell» por Luís de Campos Aço; «O Carnaval através dos Tempos», pelo Rev. A. Pinto Ribeiro Jr. A propósito desta actividade, exclamava admirado um visitante: — «Mas aqui tudo trabalha!».

O 8.º aniversário foi esse ano comemorado com entusiasmo: Sessão solene, acampamento e uma festa com representação, palhaços (o Joaquim Dias e o José de Carvalho, dois escoteiros que faziam um programa) e cinema.

Por esta altura foi constituída a Patrulha sénior: Jorge, Capitolino, Rolão e Rogério. Quiseram para patrono Baden-Powell e iria ser uma boa patrulha, que ainda hoje existe, embora os seus componentes não estejam á altura de tão honrosas tradições, o que aqui registamos para seu estímulo.

Foi guia desta Patrulha, mais tarde, o Ernesto Leitão, um camarada que todos estimam e hoje se encontra em Lourenço Marques.

A secção de Algés

O grupo tinha uma vida intensa e expandia-se. A actividade ao ar livre era constante e os escoteiros gozavam de um ambiente de simpatia nos bairros da Ajuda, de Belém e até de Algés. Foi assim que aqui foi nascer uma secção, na Igreja Evangélica de Algés. Em 29 e 30 de Agosto realizou-se na Quinta do Duque um acampamento. Fogo de Conselho alegre e com grande assistência. Festa de campo com grande concorrência de público. O Sr. José Ilídio Freire fez uma palestra sobre o tema «Velocidade ou direcção?». Todo este programa serviu para inaugurar a Secção de Algés, constituindo a 4.ª Patrulha Júnior «Raposa» com os escoteiros Hélvio Brito, João Franco do Vale, André dos Santos Paixão, Francisco de Oliveira Simões e Eduardo Barbeiro, a que se juntou mais tarde o Júlio Quintino.

Nesta altura o efectivo do «94» era de 48 escoteiros num momento em que a Associação estava quase inactiva.

Três aniversários — três grandes festas

O 9.º, 10.º e 11.º aniversários do Grupo, em Julho dos anos de 1943, 1944 e 1945, foram assinalados por três grandes sessões que se efectuaram na grande sala do Belém-Clube, presididas pelo representante do chefe do Distrito, e com auditório numeroso que esgotava a lotação do velho Teatro Luís de Camões.

Em 1943 foi orador o saudoso Dr. Manuel Gomes dos Santos. E em 1944 e 1945 o Rev. Natanael Emmerich, que empolgaram os auditórios. Em cada ano a respectiva peça de teatro desempenhada por escoteiros. Em 1943 «A maior alegria», actores Joaquim Dias, Fernando Dias, José de Carvalho e Eduardo Ribeiro.

Em 1944 «O Nó do Lenço», actores D. Júlia Ribeiro, Antonino Costa, Manuel Ribeiro, Ernesto Leitão, Capitolino Macedo, Armando Pires e Carlos Abrantes.

Em 1945 «No Rumo da Lei»; actores D. Júlia Ribeiro, Eduardo Ribeiro, Manuel Ribeiro, Antonino Costa, Capitolino Macedo e Ernesto Leitão. No final, desfile e exposição de trabalhos. Foram três grandes festas de que a rapaziada se recorda com saudade e que o público do bairro ainda lembra.

A propósito do 10.º aniversário, afirmava o então Chefe Regional Eng.º Jorge Pereira Jardim: — *Daquilo que representa a luta constante dos Grupos no seu afã de, sem mira em interesses mesquinhos, realizar obra acertadamente educativa é um bem agradável exemplo, pelo que em si encontra de elevado, a actividade do Grupo n.º 94, permitindo apontá-lo, sobretudo na sua actual fase, como um dos mais valiosos elementos do trabalho regional.*

Acampamento Regional do Estoril

Em Setembro de 1944, de 2 a 10, realizou-se na Quinta de Sto. António o acampamento Regional. A rapaziada do 94 compareceu na máxima força e, por isso, escutada por numeroso público, cantava em coro ao desembarcar na Estação do Estoril:

O 94 em peso,
Com grande satisfação
arranjou as malas e partiu
pró Campo Regional de Verão

Foi o grupo de maior efectivo em campo e aquele que mais entusiasmo despertou nos fogos de conselho. Também este acampamento regional de férias deixou recordações agradáveis e nunca mais se repetiu.

Actividade Cultural

A acção do 94 alargava-se constantemente e muitos amigos, famílias de Escoteiros e sócios auxiliares acompanhavam o Grupo nas suas actividades. As visitas culturais constituíam actividade de inverno, tendo sido visitados «O Século», o Museu Militar, a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu de Arte Antiga, o Museu Nacional dos Coches.

A Biblioteca contava e conta um bom

(*Conclui na 7.ª página*)

O «94» - Um Grupo de Tradições

(Conclusão da 6.ª página)

número de volumes e algumas palestras e conferências foram feitas na Sede.

E assim nasceu o «Sempre Pronto»

Por fins de 1944 o Escotismo em Portugal estava decadente. Não tínhamos dirigentes superiores capazes e um grupo que quisesse desenvolver maior actividade era constantemente tolhido. O «94» para desenvolver a sua larga acção tinha de lutar e lutou sempre. Não havia notícias do Escotismo na província e ali nada se sabia do Escotismo na Capital. Precisávamos de possuir um jornal. E no «94», em reunião do Conselho de Guias, foi resolvido publicar um jornal bimensal com o título de «Sempre Pronto». — *Vocês não sabem no que se vão meter*, diziam uns amigos. Os mais optimistas afirmavam: — *Publicam cinco números*. Mas o jornal saiu. Imediatamente o Presidente da Direcção da A. E. P. propunha que o jornal passasse para a posse da Associação. Não passou e começou a luta. Tivemos de traçar uma linha de conduta e dentro dela nos conduzimos sem desfalecimentos e inquebrantàvelmente. O grupo aguentou o «Sempre Pronto». De toda a parte vieram adesões, aplausos, cooperação. Só da Direcção da A. E. P. nos veio toda a sorte de aborrecimentos. Por fim foi necessário que o «Sempre Pronto» deixasse de pertencer ao Grupo e enveredou-se por esse caminho. Foi isto em Julho de 1947.

O Render da Guarda

O «Sempre Pronto», que trouxe grandes benefícios ao Escotismo, prejudicou o Grupo 94. A actividade dividiu-se e o jornal exigia muito esforço, que faziafalta ao Grupo, circunstância esta ainda agravada com o honroso conflito surgido com a Direcção da A. E. P. Por isso, em 3 de Março de 1946 o Escoteiro-Chefe Eduardo Ribeiro deixava a chefia do grupo, que foi assumida pelo então subchefe Capitolino Ferreira Macedo.

E a vida do 94 continuou. O nosso jornal não tem deixado de noticiar o que tem sido a sua acção.

Novos Horizontes

Em Maio de 1948, finalmente, uma nova Direcção surgia à frente dos Escoteiros de Portugal presidida pelo Eng.º Jorge Pereira Jardim. A vida associativa modificou-se e novos horizontes surgiram, fruto em grande parte do esforço do nosso jornal.

O «94» continuou a sua obra notável. E embora sem a expansão de outros tempos, é uma unidade sólida dos Escoteiros de Portugal. Os seus dirigentes são elementos dedicados e Escoteiros de bom espírito e rara perseverança.

Até há poucos meses presidiu à Direcção o Rev. Joaquim Rosa Baptista, que foi um grande amigo dos Escoteiros e o *sempre pronto* dos momentos difíceis. Depois de 16 anos de presidência efectiva, continua como Presidente-Honorário. Seguiu-se-lhe o Rev. Carlos Augusto Vasconcelos, que bem como o Rev. Azevedo Meyer são bases firmes de apoio do Grupo.

O Escoteiro-Chefe Capitolino Ferreira Macedo continua a guiar o «94». O Subchefe Manuel Tacão Monteiro dirige a Alcateia com 8 lobitos entusiastas. O Lobito de 1938, o Caminheiro Júlio Maria Reis, é o auxiliar dedicado do Chefe, «sempre pronto». Os serviços administrativos são chefiados por Joel Ribeiro.

O grupo goza de prestígio na Ajuda e conta com grande número de simpatias. O «Sempre Pronto» continua a ter no 94 o seu principal apoio.

Ouve, filho:

Falo-te enquanto dormes

Por W. Livingston Larned

Ouve, filho:

Falo-te enquanto dormes, a mãozinha encolhida debaixo do rosto e o cacho louro, húmido, caído sobre a tua testa. Penetrei no teu quarto às escondidas e inteiramente só. Há poucos minutos, quando, no meu gabinete, lia o jornal, uma onda de remorso tomou conta de mim. Reconhecendo-mo culpado, vim para o teu lado.

Vou dizer-te, filho querido, sobre o que estive pensando: tenho sido exigente demais contigo. Repreendo-te, quando te estás vestindo para a escola, porque passaste no rostinho apenas uma toalha húmida. Censuro-te porque os teus sapatinhos não estão limpos. Chamo a tua atenção, com aspereza, quando jogas alguma coisa tua pelo chão. No café encontro faltas ainda. Desperdiças as coisas. Comes apressadamente. Pões os teus cotovelinos na mesa. Passas manteiga demais no pão. Passo todo o tempo a ralhar contigo, meu filhinho. E quando sais para brincar e eu vou para tomar o meu eléctrico, levantas a mãozinha, acenas um gesto de amizade e dizes: «Até logo, papá!»; e eu, na eterna ânsia de repreender-te, franzo a testa e digo-te: «Endireita os ombros!»

E quando regresso à tardinha, recomeço as minhas exigências. Quando subo a estrada, venho espiando-te. Vejo-te de joelhos jogando ao berlinde com os teus amiguinhos. Descubro buracos nas tuas meias. Diante dos teus companheiros, humilhei-te, dando-te ordens para seguir à minha frente para casa. As meias custam muito dinheiro. Se tivesses que pagar por elas saberias ser mais cuidadoso! Imagina só, filhinho adorado, tudo isto dito de um pai para um filho!

Lembras-te de, mais tarde, quando eu estava no gabinete lendo, como vieste, tìmidamente, com uma espécie de mágoa brilhando nos teus olhinhos? Quando olhei para o jornal, aborrecido com a interrupção, hesitaste na porta. «Que queres?», disse eu intempestivamente.

Não disseste uma palavra sequer, mas correste para mim, passaste os braços no meu pescoço, beijaste-me, e os teus bracinhos apertaram-me com um afecto que Deus colocou florescente no teu coraçãozinho e que mesmo com toda a minha negligência não pode fenecer. E, então, foste, aos pulos, escada acima.

Bem, meu filho, foi pouco depois disto que o jornal caiu das minhas mãos e um receio doentio evadiu-me inteiramente. Que vantagens para mim vinha ensejando o meu modo de tratar-te? Descobrir as tuas faltas, repreender-te pelas mínimas coisas — era a minha recompensa para ti, meu filho, por seres uma criança. Não era porque eu não te amasse; era porque eu queria exigir demais da tua infância. Eu estava medindo-te com as jardas dos meus próprios janeiros.

E no teu carácter há tanto de bom, de fino e de verdadeiro! O teu coraçãozinho é tão grande como a própria aurora quando desponta sobre as grandes montanhas. Melhor desmonstração de tudo isto não podias dar do que, apesar de tudo e depois de tudo, correndo para mim e beijando-me carinhosamente ao dizer-me boa-noite. Filho, nada mais importa hoje à noite. Vim para o teu lado, no escuro, ajoelhei-me envergonhado!

Esta é uma fraca reparação; sei que não entenderias estas coisas se eu as dissesse quando estivesses acordado. Mas, filho adorado, amanhã eu serei verdadeiro papá! Serei um companheiro teu, sofrerei quando sofreres, rirei quando rires. Morderei minha língua quando vierem palavras impacientes. Conservar-me-ei repetindo como se fosse um ritual: «O meu filhinho nada mais é que uma criança — uma pequena criança!»

Estou receoso de te haver encarado como um homem. Entretanto, quando te vejo agora, filho querido, todo encolhido e despreocupado na tua caminha, vejo que ainda és uma criança. Ontem estavas nos braços da tua mamã, a cabecinha recostada no seu ombro.

Estava exigindo demasiado de ti. Muito. Muito.

Publicado já em vários jornais e revistas de diversas línguas e transcrito de «Cruz de Malta» do Brasil.

O Grupo n.º 10, anexo à Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa, uma unidade cheia de vida e esperanças

Terminámos há tempos a publicação de entrevistas que vínhamos fazendo aos Grupos de Escoteiros da Região de Lisboa. Então, tínhamos já conversado com todos quantos estavam em actividade permanente, excepto os de Setúbal e Leiria, que resolvemos deixar para quando se proporcionasse a viagem a essas cidades.

É, porém, com grande alegria que o «Sempre Pronto» se vê obrigado a reatar essas entrevistas que tanto interesse despertaram, uma vez que surgiram novos Grupos e voltaram outros ao trabalho.

Por exemplo: ali para os lados de S. Bento, onde já existe o Grupo n.º 1, reabriu as suas portas o antigo «10».

E foi este Grupo que ouvimos há dias.

*

Instalado na Igreja Presbiteriana de Lisboa, na Rua de S. Bento, 636, o Grupo de Escoteiros n.º 10 iniciou a sua actividade no dia 23 de Abril passado, graças à boa compreensão dos dirigentes da Igreja que o apadrinhou e recebeu. E foi o Director do «Sempre Pronto» que serviu de intermediário entre aqueles e o Chefe que dele se encarregou, o antigo escoteiro do «53», Samuel Vieira.

Ouvimos este dedicado escoteiro numa noite em que o fomos surpreender no seu entusiástico trabalho com os rapazes do Grupo.

— Que tal com o novo Grupo? - foi a nossa primeira pergunta.

— Encantado. Encantado com os rapazes, encantado com a Igreja graças à qual se fundou o «10».

— Portanto o «10» e a Igreja são...

— ...uma só unidade. Muitos nos têm ajudado, quer materialmente, quer espiritualmente. Individualmente honram-nos com a sua amizade vários amigos, mas, sem melindres para os demais, não posso esquecer os Ex.mos Srs. Drs. Conceição Júnior e Testa, além do vosso Director.

— Qual a sua preocupação quanto ao caminho a seguir?

A esta pergunta, Samuel Vieira respondeu-nos, demonstrando acertada política escotista:

— A minha preocupação máxima é formar bons escoteiros que virão a ser a base do Grupo, uma vez que o único escoteiro de carreira sou eu. Esta será a melhor garantia para uma longa vida do «10».

— E de que efectivo dispõe?

— Actualmente, 14 escoteiros com um único dirigente. É de salientar que todos os rapazes se iniciaram agora no Escotismo. Por isso tive necessidade de constituir uma Patrulha de Estudos com os Guias e Subguias que nomeei e da qual sou o Guia.

— E qual a sua função?

— Bem vê, eu tinha de formar patrulhas, estas necessitavam de guias e subguias que tiveram de sair dos «patatenras» de que dispunha e que não estavam devidamente preparados. Agora, aplicam às respectivas patrulhas o que vão aprendendo na de Estudos. Mesmo assim, nestes 7 meses de trabalho, o «10», por intermédio das suas Patrulhas «Castor» e «Bisão», organizou 3 acampamentos, esteve em outras tantas actividades da Região, fez 4 excursões à Serra de Monsanto e visitou o Aquário Vasco da Gama.

— Eis, portanto, um Grupo activo. E do futuro?

— Com o entusiasmo de que estamos possuídos, contamos intensificar todas as actividades, para o que, no entanto, se torna necessário que completemos o material de campo, sem o que não podemos cumprir uma etapa com funções primordiais na educação escotista: a vida ao ar livre.

— Depois...

— Depois, a manutenção e intensificação das relações com as famílias dos escoteiros. Já hoje alguns familiares dos rapazes assistem às reuniões gerais para se inteirarem do que é o Escotismo. Se estes e os sócios auxiliares nos ajudarem, contamos com um próximo ano de «boa caça».

Segundo o seu Chefe, o «10» tenciona: aumentar os sócios auxiliares de 30 para 100, e, consequentemente, as receitas do Grupo; organizar saídas com as Patrulhas e exercícios entre elas; levar a efeito uma grande festa para angariação de fundos; organizar sessões de propaganda na Igreja com demonstrações escotistas; visitas de estudo, etc..

E o dinâmico Chefe do Grupo ainda nos disse mais:

— Interessa-me imenso levar os meus escoteiros de visita aos outros Grupos da capital. Mostrar-lhes-ei como os outros trabalham e aprenderemos com eles o que as suas existências já lhes ensinaram. Por exemplo: muitas vezes lhes falo no Grupo 6 de Olhão, apontando-o como referência devido à sua exemplar organização, isto sem esquecer o meu 53...

E para finalizar, perguntámos, a apostar na resposta:

— E de finanças?...

— Com muitas dificuldades... os sócios são poucos, as cotas dos escoteiros necessàriamente baixas... mas venceremos!

*

Ouvimos ainda os guias João António de Sousa e Fernando Simões respectivamente da «Castor» e «Bisão», que afirmaram ao «Sempre Pronto» o seu entusiasmo pelo Escotismo, o interesse pelos ensinamentos que vieram encontrar e a camaradagem entre todos.

E assim chegámos ao último entrevistado da noite, o António Vaz Sabino, um simpático escoteiro, um dos mais novos (o n.º 3 do Grupo), que desassombradamente nos respondeu: — Dou-me muito bem com todos os meus camaradas e acho que venho a ser um escoteiro para sempre.

E pronto. A nossa missão termina, por hoje, cumprindo um pedido do Chefe do Grupo 10: saudar todos os Grupos Escoteiros, através do nosso jornal, e agradecer à Sociedade de Senhoras da Igreja Presbiteriana de Lisboa que muito tem auxiliado o Grupo quer tratando dos uniformes quer servindo de madrinhas aos novos recrutas do 10.

Por nossa parte, desejamos a este punhado de rapazes, e ao seu entusiástico Chefe, uma longa vida no Grupo que parece destinado a ocupar um lugar de destaque no Escotismo alfacinha.

CARLOS FERNANDO GARCIA

• • o • •

Cumprimentos de Boas-Festas ao «SEMPRE PRONTO»

Tiveram mais a gentileza de nos enviar cumprimentos de boas-festas, que gostosamente agradecemos, os seguintes amigos: Sr. João Belo Ribeiro, de Lisboa; Gabriel do Carmo Silva, de Nova Lisboa; Fernando B. Moreira, de Luanda; e a Região de Pernambuco da União dos Escoteiros do Brasil, com sede no Recife.

• • o • •

Carlos Fernando Garcia

Este nosso caro Camarada de Redacção obteve algumas melhoras do seu estado de saúde, continuando retido em sua casa. Esperamos que estas melhoras se acentuem, desejando-lhe um pronto restabelecimento.

PELOS GRUPOS

GRUPO N.º 94

Este grupo realizou a sua «Boa Acção do Natal», distribuindo um suculento almoço a 40 crianças pobres

Como é tradicional, este grupo promoveu no domingo 28 de Dezembro último, a sua "Boa Acção do Natal", oferecendo um bem servido almoço a mais de 40 crianças pobres das freguesias de Ajuda e de Belém. O êxito desta iniciativa deve-se, em grande parte, à colaboração do comércio daquelas freguesias que correspondeu generosamente ao pedido dirigido por este grupo. Também os escoteiros do 94 tiveram papel de relevo na consecução deste empreendimento, pondo todo o entusiasmo ao seu serviço, conseguindo donativos e contribuindo eles próprios, dando azo, assim, a que um maior número de crianças fosse contemplado.

No almoço, que foi presidido pelo Sr. Rev. Gerson de Azevedo Meyer, Pastor da Igreja Evangélica Ajudense, tomaram parte, não só as criancinhas beneficiadas, como também os escoteiros do 94. Todos as crianças se mostravam encantadas com o acolhimento que lhes era dispensado. A alegria era evidente nos rostos daqueles entes, já bem costumados à dureza da pungente necessidade.

A algumas crianças, que denotavam mais carência de conforto, foi distribuído ainda uma camisola de lã e um par de alpargatas.

• • o • •

Um almoço de Confraternização dos Antigos Escoteiros do Grupo 94

Por acordo dos Antigos Escoteiros presentes na Sede do Grupo 94 no dia 1 do corrente, foi resolvido realizar em Julho, na própria Sede do Grupo, um almoço de confraternização dos Antigos-Escoteiros. As inscrições podem ser feitas a partir deste mês na Sede do Grupo às 3.as e 5.as feiras, ou na ourivesaria «Bola de Ouro» na Rua do Prior do Crato, n.º 16. Pede-se a todos os antigos-escoteiros para fazerem circular esta notícia o mais possível, visto que se ignora a morada de muitos antigos membros do Grupo.

• • o • •

Almoço de Confraternização da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Realiza-se no dia 22 do corrente, no Ateneu Comercial de Lisboa, o tradicional almoço de confraternização comemorando a data do nascimento de Baden-Powell. A Direcção da Fraternal pede e agradece a comparência de todos os antigos escoteiros, podendo as suas inscrições ser feitas na sede da Fraternal, Rua de S. Paulo 254-1.º, todas as quartas-feiras, das 21 às 23 horas, e na Rua da Vitória, 54, até ao dia 15 do corrente.

• • o • •

ECOS DE BELÉM

Com o número duplo 889 e 890, de 1 de Janeiro passado, entrou no 22.º ano de publicação o semanário «Ecos de Belém», ao qual apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações e votos de progresso.